



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

CASTIGO MERECIDO

Pelo ANÃO SABICHÃO

VOU-LHES contar um castigo que magiquei para um certo rapazinho, muito mau para os animais.

Lá de cima do carvalho, onde morava, então, dentro dum bugalhinho, é que eu assistia às judiarias que éle inventava para os maltratar. Atirava pedras aos passaros, arrancava pernas aos gafanhotos, asas às borboletas, às vésperas e às mós-cas, pisava as formigas, não tinha, finalmente, para toda a bicharada, nem dó, nem piedade.

Indignado, com o procedimento do maldoso Joaquim, — assim se chamava o garoto, — resolvi dar-lhe um castigo formidável. Para tal conseguir, reuni os bichinhos, que eram as suas vítimas e com éles combinei a partida que lhe havíamos de pregar. Já se vê que, nisto tudo, entrou, também, a magiquice das tramas que armo!

Peguei num caroço de cereja, fiz-lhe uma abertura e arranjei, assim, um apito.

Ora, nêsse apito é que eu meti o poder diabólico que possui.

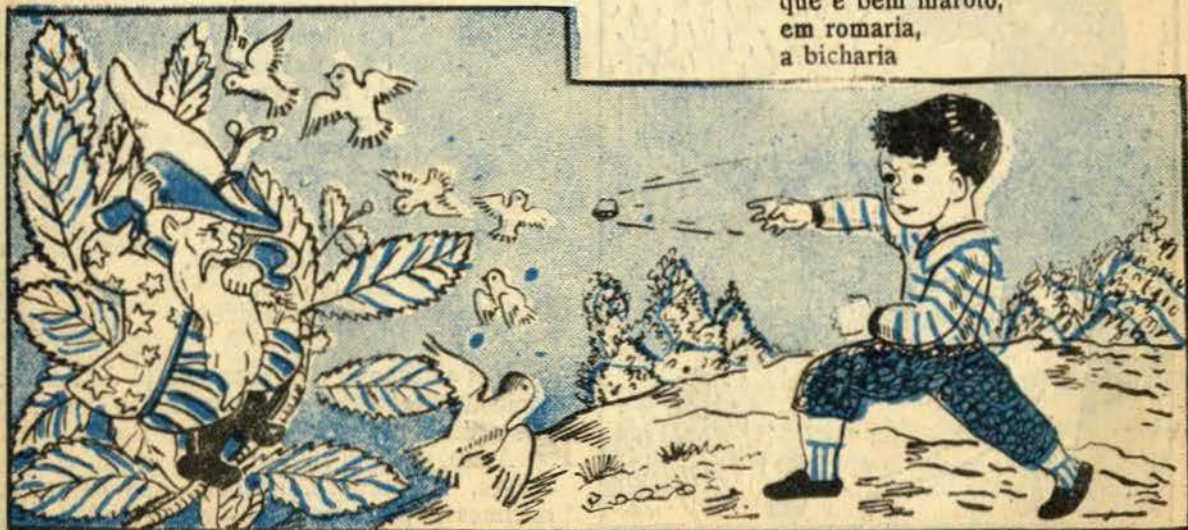
O Joaquim, ao dar com aquele achado, — pois que eu o atirara para o chão, — ficou um tanto admirado.

Mas, não vendo ninguém à sua roda, encolheu os ombros, pegou no apito-caroço e soprou pelo buraco que eu lhe fizera.

Então, o tal poder que eu lhe metera, fez com que o rapaz desatasse a girar como se fôsse um pião!

Os bichos todos se juntaram, para gozar o espectáculo e eu, lá de cima da minha árvore, pus-me a cantar esta cantiga:

A formiga
tua inimiga,
o pardal,
que te quer' mal,
a borboleta,
que tem tineta,
o cochicho,
que é feio bicho,
o gafanhoto
que é bem maroto,
em romaria,
a bicharia



vem judiar,
vem castigar,
tua maldade
e ruindade.
Toma cuidado,
rapaz malvado,
co'o mau olhar! —

E êle, num corropio, sempre a girar, ia gritando, muito aflito:

— Quero parar,
não quero andar!
nem mais bailar! —

Por fim, caiu no chão e adormeceu esfalfado. Mas, daí a pouco, levantou-se, aos pinotes. Dentro dum ouvido sentia um zumbido infernal que mais parecia uma fanfarra a tocar!

Erãam umas formiguinhas marotinhas que se haviam introduzido lá dentro e agora andavam à roda, à roda, a atardoá-lo, com uma comicheira de morrer!

E vai eu, gritava:

— Eh, seu Joaquim!
Até que enfim!
Esta vingança
vem, sem tardança,
arreliar-te,
apoquentar-te,
rapaz danado,
rapaz malvado! —

Em seguida, veio a véspera que lhe ferrou o ferrão com tôda a brutalidade, e enquanto êle gemia, dorido, eu fui cantarolando:

— Eh, seu Joaquim!
Rapaz ruim!
Tal ferroadada,
assim bem dada,



vai-te moer,
fazer doer,
hás-de berrar,
hás-de gritar,
com essa dôr,
com êsse ardôr! —

E veio o pardal bicá-lo, o gafanhoto assustá-lo e mais tôda a bicharia que, num barulho, à porfia, o fez berrar e gritar que foi um nunca acabar! Sem se poder ver livre daquele ataque dos animais desenfreados, o Joaquim esperneava aflitíssimo.

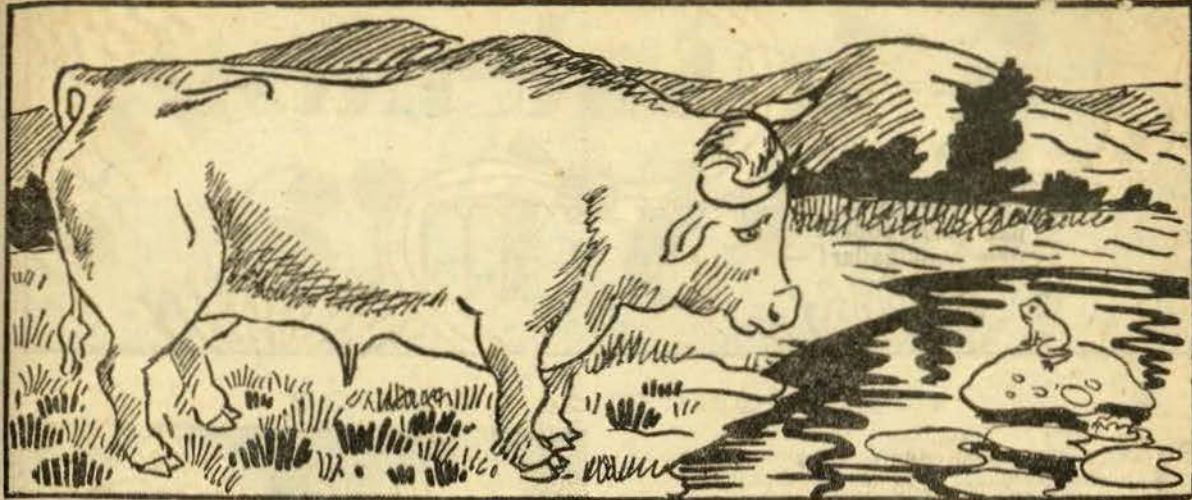
Até que o pai acudiu e salvou o filho.

Mas, daí em diante, o rapaz não dava um passo sem que ouvisse a minha voz que êle nunca descobriu donde vinha e que lhe dizia:

— Fica sabendo,
vai aprendendo,
que doravante
— grande tratante! —
se fizeres mal
a um animal,
como defesa,
de tal vileza,
êles virão,
e a punição,
serão dentadas
e ferroadadas,
grandes bicadas,
cruéis trombadas.
Isto te digo,
estás prevenido! —

Mas o Joaquim não precisava já de tantas recomendações! Estava bem emendado com a lição que a bicharia lhe dera!

Agora, não era só por medo que os não maltratava, lembrava-se, também, que os mesmos sofrimentos porque passara, os fizera sofrer aos po-



O BOI e a RÃ

POR ZÉ D'ALDEIA

EM certo dia, uma rã,
Mesmo á beira dum ribeiro,
Em perfumada manhã
Do mês de Abril presenteiro,

Viu um boi a beber água,
Grande como Deus o fez!
Num mixto de inveja e mágoa
Vendo a sua pequenez,

Pensa a rã remediar
O que julgava um defeito! . . .
Põe-se a beber, para inchar,
O seu corpito imperfeito! . . .

Bebeu tanto, a rã vaidosa,
Que o tal ribeiro minguou!

E, qual bola presunçosa,
Igual ao boi se julgou!

Mas, nisto, bastante aflita,
Já sem poder respirar,
O seu corpanzil agita,
Já como que a extrebuchar!

E quando o boi pachorrento,
Ergue o seu focinho loiro,
A rã, após um lamento,
Rebenta, dando um estoiro!

Tem a vaidade um logar
Nêste conto pequenino;
A rã quiz ultrapassar
Da Natureza o destino!



Vaidade devemos ter
Por sermos bons e leais;
E por na escola aprender,
Honrando, assim, nossos pais.

Mas por aquilo que Deus
Não pôs em nosso destino,
Jamais! Pois tal brada aos céus,
E' loucura, é desatino!

Porque a rã ultrapassou,
com um desejo insensato,
Seu destino, arreventou
Como bomba de clorato! . . .

■ F I M ■



bres animais quando, desapiedado e cruel, os ataca
cava sem razão.

O vosso Anão,
pela afeição
à bicharia,

fez, com mestria,
que o tal Joaquim,
que era ruim,
ficasse, assim,
tão caridoso
e tão bondoso!

A insolentíssima Dona Símia

Por LEONOR de CAMPOS

DONA Símia acabou de se vestir, pintou os lábios, encheu o focinho de pó de arroz e chamou a criada de quarto, a paciente ovelha:
«Ovelha estúpida e vagarosa: o carro está pronto?»

«Sim, senhora patroa. Já está à porta.»

Dona Símia de novo se mirou ao espelho. Sorriu satisfeita e, de cabeça levantada, desceu a escadaria e entrou no automóvel.

«Para o Grande Palácio de Festas!» — ordenou ela. O motorista, um galgo elegante, pôs o carro em movimento. Pelas ruas da cidade, dona Símia, sorrindo um pouco desdenhosamente, correspondia aos cumprimentos que, dum e doutro lado, lhe faziam, feliz por se sentir admirada e invejada.

Chegaram ao Palácio. O motorista, sempre impecável na sua farda, veio abrir a porta do carro e dona Símia desceu, imponente e altaneira, no meio de cumprimentos e *ohs!* e *ahs!* de admiração de quem a via.

Dirigiu-se para uma das mesas vagas e sentou-se. Logo se viu rodeada de multidão de amigas e amigos que se informavam da sua saúde e lhe disputavam os sorrisos.

«Oh querida amiga — (disse-lhe o doutor Burro, beijando-lhe a pata). — Que prazer tê-la na nossa companhia!...

«Que saudades! — exclamou dona Zêbra, requebrando-se, para lhe admirarem o lindo vestido às riscas. — Há quanto tempo a não via...»

A dona Pêga Palreira deu-lhe um beijo de cada lado do focinho e ajuntou:

«Então que tal foi a viagem? Viste muita coisa lin-



da, com certeza! Que beleza de vestido o teu!... Ai se zoubesses como te invejo!... Pudera!

Não há nada como o estrangeiro!... Só lá fóra encontramos gente civilisada, hotéis decentes, bons teatros...»

«Oh filha! — (interrompeu o senhor Papagaio, marido da dona Pêga). — Tu nem deixas a nossa amiga respirar!... Palras... Palras...»

Todos riram com vontade.

Dona Pêga ficou fúla. E, voltando as costas ao marido, abalou para a sua mesa, aos saltinhos e a resmungar.

Um criado aproximou-se da mesa de dona Símia:

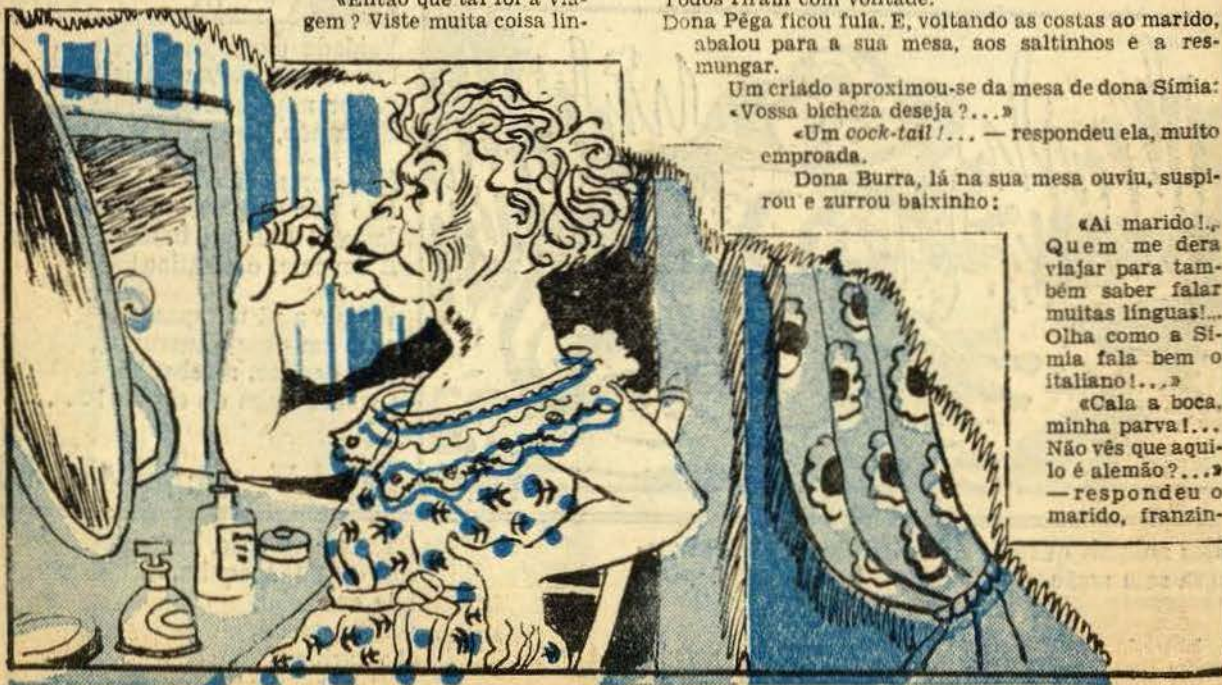
«Vossa bicheza deseja?...»

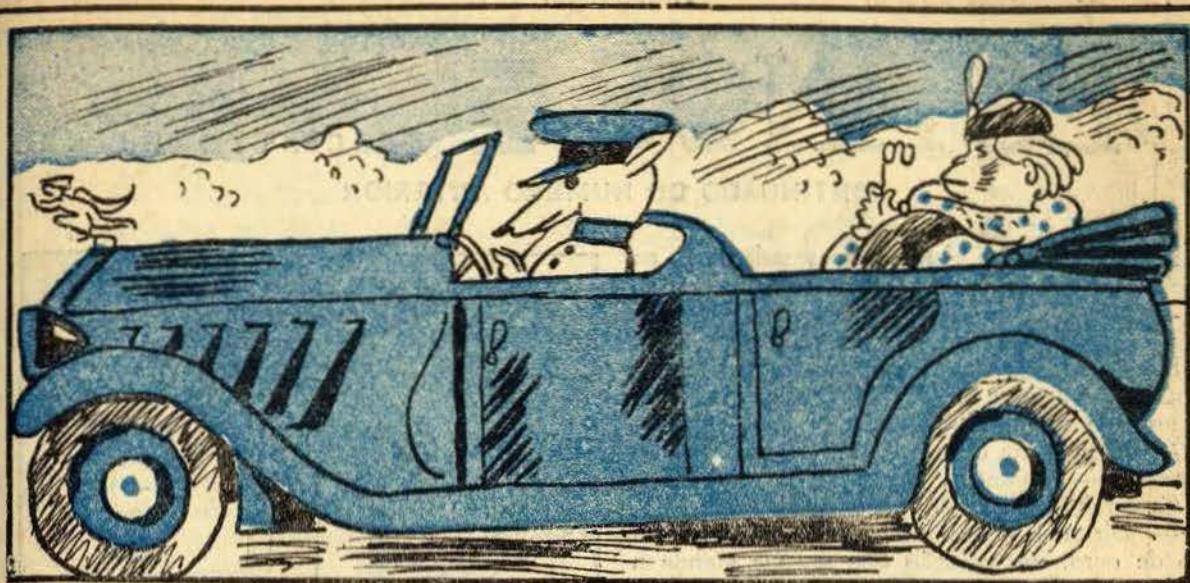
«Um *cock-tail!*... — respondeu ela, muito emproada.

Dona Burra, lá na sua mesa ouviu, suspirou e zurrou baixinho:

«Ai marido!... Quem me dera viajar para também saber falar muitas línguas!... Olha como a Símia fala bem o italiano!...»

«Cala a boca, minha parva!... Não vês que aquilo é alemão?...» — respondeu o marido, franzin-





do o focinho. — «Perdãe caro amigo! Você está enganado — afirmou o doutor Mocho, que se empoleirava na mesma mesa e era um grande sabichão. — *Cock-tail*, é palavra inglesa, composta de: — *cock*, que quer dizer, galo e *tail* que significa... que significa... Ah sim! E' isso mesmo: *cáuda*. Portanto *cock-tail* é *cáuda de galo*...»

«E então ela quer comer a cauda do nosso amigo galo?» — Assustou-se dona Burra.

«Ora! Não digas burrices! — raihou o marido. — Ela não quer comer! Quer beber!...»

«Be...ber...?» — e a Burra abria muito os olhos, admirada.

Então, o sábio Mocho explicou:
«Sim, senhora. A cauda do galo, como sabe, compõe-se de muitas e variegadas penas...»

«Vari... quê?»



«Vari...e...gadas!... Quer dizer: de várias cores...»

«Ah...»

«Porisso ao *cocktail*, que é uma bebida composta de diferentes vinhos de sabor variado, lhe puseram este nome. Percebeu?»

Dona Burra nada tinha percebido. Mas, para não dar a impressão de que era estúpida, afirmou:

«Sim senhor. Compreendi perfeitamente...»

Entretanto, a florista Raposa, que andava por ali a vender flores, aproximara-se. E, de mesa em mesa, ia

fazendo o seu negócio. Até que chegou junto de dona Símia:

«Compra-me umas florzinhas, senhora?»

«Não quero:...» — retorquiu ela, secamente. E desviou o olhar.

«Compre, senhora, compre! Tenho os meus filhos cheios de fome!» — teimou a Raposa, tocando-lhe num braço.

Dona Símia arripiou-se toda:

«Credo! Que porcaria! Sabe-se lá por onde você andou com as patas!...»

E vem sujar com elas o meu vestido!... Fôra daqui, sua porca!...»

Mas a raposa não se retirou. Pelo contrário. Pousou a cesta no chão, cruzou as patas dianteiras e disse alto, em tom escarninho:

«Ai éle é isso!... Noutro tempo, quando ainda não eras a dona Símia, quando eras apenas a macaca, nunca reparaste se eu tinha as patas sujas ou limpas. E tanto que quando saíste da cadeia, onde estiveste por roubar bananas, foi a mim que pediste para te matar a fome!... Mas, agora, como tiveste a sorte de casar rica, falas-me assim!...»

Estava tudo estupefacto e ninguém se atrevia a interromper a Raposa.

E esta continuou:

«Escusas de olhar para mim com esses olhos de raiva. Não te tenho medo! Se me tivesses tratado bem, faria de conta que te não conhecia. Mas, como és má e ingrata, obrigaste-me a descobrir-te!...»

Todos os bichos estavam indignados com a ingratidão de dona Símia. Porisso esta levantou-se e respondeu em tom de soberano desprezo.

«Não a conheço! Você, decerto, me confunde com qualquer outra criatura!... Só lamento que não esteja aqui meu marido, para me defender dos seus atrevimentos!...»

E, atirando sobre a mesa uma moeda de prata, afastou-se, altiva e desdenhosa.

Desde essa tarde memorável, ninguém mais encontrou dona Símia. Porque o marido, ao saber do que acontecera, fora logo comprar bilhetes e embarcavam, dois dias depois, para Londres.

Só há pouco houve notícias dela. Trouxe-as o senhor Pardal que estuda engenharia em Inglaterra:

«Vocês sabem quem eu encontrei num circo muito reles em Londres, a dar saltos e cabriolas para divertir o público? A dona Símia!...»

«Ah!... E o marido?» — interrogou, admirada e curiosa, a dona Pêga.

(Continua na página 6)

DESTINOS

NOVELA INFANTIL
POR
GRACIETTE BRANCO

CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR

Mister Grossmith abriu desmesuradamente os olhos, retorquindo, pausadamente:

— «Dar-se-há o caso da minha simpática filha não ter mais opulento ideal?»

Daria ela, de boa vontade, a sua mão de milionária a um pobre empregado que, apenas, vive á custa de modesto salário?!»

— «E que diria o *senhor meu Pai* se tal acontecesse?» — perguntou, por sua vez, Hellen.

Grossmith, dum salto, apertou-a nos braços.

— «Dir-te-ia, minha filha, que tens um coração de ouro, um coração que apenas atende a sentimentos de ternura e não a orgulhosas ambições de espavento. De boa vontade daria a tua mão a Fernando, afirmo-to, minha Hellen.»

Hellen não cabia em si de contente.

Abraçava e beijava o Pai, exclamando, risonha, feliz:

— «Há tanto tempo, Paisinho, que eu gostava dele! Não pude calar por mais tempo este segredo. Já a alguém eu o havia confiado: á Mãe. Mas, a ti, Paizinho, custava-me mais. Pedi á Mãe que nada te dissesse e Ela nada disse. Mas hoje pensei: — nada! O Pai tem que saber. Ele também me dá parte de todos os seus negócios, de tudo o que o preocupa. E... pronto. Aqui está.»

— «Bravo, minha filha. Fizeste muito bem em te abrir comigo. Os filhos nunca devem ter



segredos para os seus Pais, que são os seus melhores amigos e os mais preciosos conselheiros.»

— «Mas, ouve, Paizinho: gostará o Fernando de mim?»

— Quem não há-de adorar-te, minha filha? Tão boa, tão generosa, tão simples!»

— «Outro receio me preocupa, meu Pai.

(Continua no próximo numero)

A INSOLENTÍSSIMA DONA SIMIA (Continuação da página 5)

«O marido, aborrecido e saturado com a sua insolentíssima esposa, que cada vez se mostrava mais malcriada e impertinente, abandonou-a. Porisso ela, depois de se ter farto de rapar fome, lá arranjou aquela colocação. Mas julgo que não a aguentarão muito tempo, pois nem para aquilo tem jeito...»

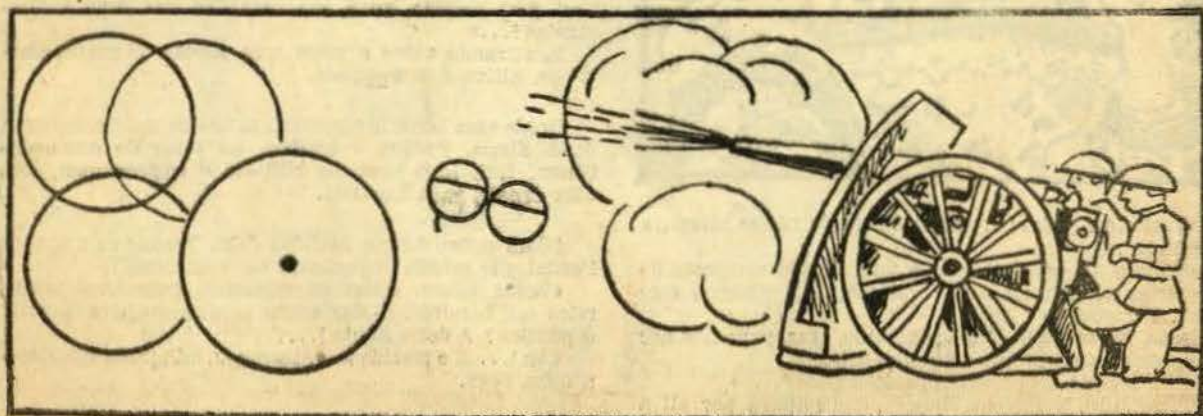
«Como ela deve sofrer, coitada! — lamentou dona Pêga. — Que pena!... Que dó!... Tão elegante! Tão chie!

Tão gentil!... Habituada a mandar, a viajar, a realizar os seus sonhos, a...»

«Alto, mulher! — rematou o senhor Papagaio. — Desde que começaste a palrar já comi um quilo de arroz! Não te parece que é estúpido morrer de indigestão?...»

■ ■ F I M ■ ■

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha uma peça de artilharia

O CESTINHO DA COSTURA

POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas discipulas:

Estes pequeninos holandeses, tão engraçados nos seus trajos garbados, vêm, hoje, gentilmente, apresentar-se às abelhinhas do «Cestinho da Costura».

Espero que elas lhes dêem o acolhimento e a simpatia que lhes é devida, pois que estes bonequitos, com a sua ingénua graça, darão certo encanto aos trabalhos onde forem aplicados. Podeis aproveitar este motivo em diversas coisas como cachets, guardanapos e almofadas de bebê, etc.

A sua execução pode ser feita em ponto pé de flôr ou ponto cadeia e applicareis, deste modo, as seguintes côres:

- Azul: — Sáia da boneca e colete do boneco.
- Preto: — Colete da boneca e chapéu do boneco.
- Amarelo: — Avental da boneca, tamancos e cabelo.
- Côr de carne: — Caras e braços.



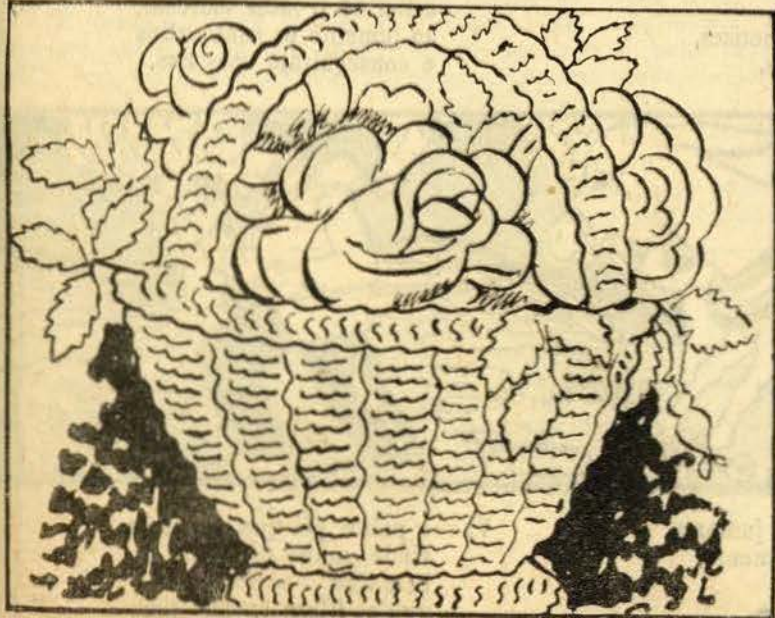
Branco: — Camisas, meias e a outra vez, de acompanhar qualquer pedido com mais alguns detalhes para melhor poder realizar o seu desejo a vossa muito amiga

Castanho: — Calções do boneco. Espero que a Maria Odette fique contente com o modelo mas, caso assim não aconteça, terá, para

Abelha-Mestra

ERRATA: Por lapso tipográfico, saiu alterada a numeração dos nossos dois últimos suplementos, que devem ter os números 433 e 434. Aqui fica o aviso para que os nossos prezados coleccionadores façam as respectivas emendas, rogando-lhes nos relevem o involuntário erro.

PARA OS MENINOS COLORIREM



CHARADAS EM FRASE

- Esta *pega* mete *pena* por estar no *meio do mês*. 2-1
- Mete *dó* perder-se tanta *água* por causa desta *pérola*. 2-1
- Suspende* por ser *vagabundo* o teu *préstimo*. 1-2
- Aqui não é boa* mas serve *para descansar*. 1-1
- O *Diabo* é como o *anfíbio* por estar tanto *tempo á espera*. 2-1
- E' *esmolet* mas *não é boa* esta *senhora*. 1-1
- Passa esta nota* pela *caixa do navio*. 1-1

Solução das charadas combinadas anteriores:

- 1, Aldegalega — 2, Portimão — 3, Vizeu — 4, Villa Real — 5, Bragança.

SOLUÇÃO DA ADIVINHA:—Amôr, Girasol, Lírio, Crisântemo, Violeta, Adonis, Junquillo, Goivo, Camélia, Dália, Lilaz, Cravo e Rosa.

O BURRO TEIMOSO



I—O ti'Manel tinha um burro que era bastante casmurro. A's vezes fincava as patas e não ia nem de gatas...

II—Os filhos do ti'Manel, possuem, dados por ele, como prémio dos estudos, patins com rodas e tudo.



III—Ora uma vez em que o burro continuava casmurro, sem andar, os dois petizes, que têm idéas felizes,

IV—decidiram aplicar, a-fim de o lazer marchar, ao jumento os seus patins e conseguiram seus fins,



V—Fizeram com que o jumento, desde esse feliz momento, ligeirinho deslisasse, e não mais arreliasse

VI—o pobre pai que, contente, rindo, muito divertido, bemdizia o expediente que os filhos haviam tido.